

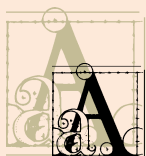
DOSSIÊ

Patrimônio, Cultura
Material e Imaterial:
diálogos e perspectivas

DOSSIÊ

PATRIMÔNIO, CULTURA MATERIAL E IMATERIAL: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS.

APRESENTAÇÃO



A reunião de textos apresentada nesse dossiê “Patrimônio, cultura material e imaterial: diálogos e perspectivas”, coincide, nesse momento, com o fatídico incêndio no Museu Nacional, ocorrido no dia 2 de setembro de 2018. As imagens impactantes ficaram gravadas na memória de milhões de brasileiros que viram o fogo consumir um dos mais importantes patrimônios nacionais. A tragédia revelou a surpresa de muitos que não conheciam o museu e sequer a sua precariedade.

No entanto, para além da tragédia o evento encerra em si uma longa história de descaso com o patrimônio nacional. Reservadas as proporções e o lugar que ocupava o museu, a situação se replica em várias outras instituições do país. Há pouco tempo também vimos outros acervos também se perderem em meio as chamas, caso do Instituto Butantã, em 2010, do Memorial da América Latina, em 2013, do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, em 2015, da Cinemateca Brasileira, em 2016. Talvez esses sejam os de maior renome, mas se aprofundarmos a investigação veremos que o problema é maior.

Não obstante, patrimônios e museus nem sempre figuraram com destaque nos debates acadêmicos e, conseqüentemente, tiveram uma relação precária entre cursos de história com instituições de manutenção e salvaguarda da memória, situação que se reflete na maioria dos municípios brasileiros. Infelizmente, as políticas públicas voltadas para museus e a preservação de patrimônios nem sempre conseguiram se enraizar na sociedade.

Segundo Marcelo Rede, “nas ciências humanas, muitas foram as tentativas que, com maior ou menor sucesso, procuraram mobilizar as realidades físicas (dos artefatos às paisagens; dos corpos às estruturas urbanas) para a produção de conhecimento” e vai além em dizer que no campo historiográfico sempre houve um equívoco ao desprestigiar as relações entre a vida social e a cultura material, colocando sob suspeita a cultura museológica e do patrimônio material.¹

Mas, mesmo assim, no contra fluxo da cultura de crise de políticas públicas voltadas para preservação de patrimônios, o tema memória e patrimônio têm ganhado relevância e ocupado debates intensos e calorosos, dentro e fora da academia, muito estimulado pelo campo de disputa da memória e as ressignificações de espaços e de tradições. Essa renovação se deve em especial à retomada de abordagens da antropologia e às várias formas de leitura da cultura material e imaterial. Quando propusemos o dossiê tínhamos no horizonte tais mudanças e queríamos estimular pesquisadores e professores a participar desse debate, revelando a dinâmica e várias formas de pensamento e práticas que tem sido aplicada na formulação das políticas públicas acerca do patrimônio e da cultura.

Nesse contexto, as contribuições apresentadas foram positivas e se revelaram muito aderentes à proposta do dossiê e dinâmicas, na medida que propõe uma leitura de patrimônio e cultura muito próxima das demandas voltadas para questões indígenas e do racismo, previsto na Lei n.º 11.645/2008, que trata da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Dados os textos que chegaram para o dossiê, propusemos uma apresentação orientada pela quantidade dos textos aprovados. Sendo assim, o primeiro bloco trata das questões indígenas e dos aspectos culturais. Entre os textos apresentados estão o de Marcel Mano e o de Aurelino José Ferreira Filho, que propõe suas reflexões acerca de pesquisas que tem se debruçado sobre as ocupações indígenas no Planalto Meridional Brasileiro e no Triângulo Mineiro. Os autores buscam a ampliação de diálogos e revisar algumas leituras sobre o campo. Ainda no que tange as questões indígenas, as pesquisadoras Gabriela Gonçalves Junqueira e Daniella Santos Alves trazem suas experiências de educação patrimonial nas escolas públicas de Monte Alegre de Minas, prática que possibilitou a inserção, na educação básica, de percepções mais ampliadas sobre a cultura indígena. Por fim, o texto que encerra esse primeiro bloco é de Luana Carla Martins Campos Akinruli, “A força da fala está no encontro, o poder do conhecimento está na interlocução: contribuições dos estudos pós-coloniais para as ciências humanas e sociais”, texto de reflexão sobre as

¹ REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 134.

ciências humanas e sociais e suas possíveis interações com o debate do pós-colonialismo.

O segundo bloco de artigos é aberto por Rodrigo Christofolletti, que apresenta seu estudo comparativo sobre a cultura material das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, em Santos, e dos engenhos dominicanos da Rota dos Escravos, na República Dominicana, os dois, exemplos da cultura açucareira que se estabeleceu na América colonial. No que tange à cultura imaterial o texto de Ricardo Mendes Mattos, preenche essa lacuna com o texto sobre as danças de jongo em São Luiz do Paraitinga.

O penúltimo artigo foi apresentado por Robson Rodrigues, Dulcelaine Lopes Nishikawa, Talita Mara Catini e Ana Patrícia Ferreira Silva, e o último, por Rodrigo Modesto, e trazem suas reflexões acerca da educação patrimonial a partir de dois projetos distintos, um em Araraquara, junto ao Conselho Municipal de Combate à discriminação e o racismo, e outro, a partir da experiência de percepções junto à escola Senac, de Marília, cidade do interior paulista.

Os textos são um convite à leitura e esperamos que eles possam abrir novas frentes de diálogos e estimular novos trabalhos e pesquisas. Esperamos que todos tenham uma boa leitura!

Eduardo Giavara
Aurelino José Ferreira Filho
organizadores